

A Coroa do Presidente

Eliane Ganem



O Palácio

Era uma vez, depois duas, depois três, uma princesa, um príncipe e um rei que viviam num país pertinho daqui, chamado Bragança. O reino tinha uma história (não sei se era feliz ou infeliz), mas uma história comprida. Ou será cumprida? Taí, isso é algo pra se pensar. Mas era um reino bonito, cheio de belezas naturais, o que significa dizer que Deus tinha feito a sua parte com bastante criatividade.

O caminho para o bairro do Palácio era lindo. Algumas cachoeiras enfeitavam as estradas que levavam até os jardins do rei. Flores exóticas, das mais diferentes qualidades, brilhavam com suas copas frondosas sobre todo o vale em volta do palácio, criando um arco-íris projetado por pequenos espelhos que o paisagista do rei havia mandado colocar por entre as folhagens.

Para quem chegasse do norte, uma ala de majestosas palmeiras imperiais fazia com que as cabeças se voltassem para o céu, que os olhos revirassem atrás das copas lá em cima e que suspiros longos fizessem o fundo musical. Já os que vinham do sul, passavam por um oásis deslumbrante, com coqueiros e dunas de uma areia superfina. Um pequeno atalho levava a uma pequena praia cercada por imensas conchas. Era a praia particular do rei. Enfim, se o reino fosse só o bairro do Palácio, seria um reino feliz, igualzinho aos contos de fada.

Até mesmo as mansões da realeza, em volta do palácio, tornavam ainda mais bonita a paisagem. As muralhas antigas misturadas com as torres modernas, onde os seguranças usavam interfonos e computadores de última

geração, davam uma impressão de ordem e progresso com algumas estrelinhas penduradas. Por isso os que trabalhavam ali usavam um uniforme com quatro cores vivas e dezenas de pequenas estrelas penduradas no ombro.

Se fosse um filme, a gente veria agora a câmera se afastando, o vale do bairro do Palácio ficando lá longe e uma montoeira de lixo em volta de algo que parece uma cidade, bem em frente aos nossos olhos. Mas como é apenas uma história contada, o que se pode contar é que o resto do reino não era um reino. Era, na verdade, uma espécie de lata de lixo cheia de ratos e gatos em forma de gente, que se engalfinhavam todos os dias por um punhado estragado de comida. Grande, mal acabado, escuro, feio, sujo e maltratado, repleto de pontes, viadutos, (aliás, era embaixo dos viadutos que uma boa parte dos súditos dormia), de bandidos, de criança abandonada, de violência, de barulho, de gente mal humorada, era assim o resto. Enfim, um reino moderno como esses que a gente vê hoje em dia.

Parecia até que o reino havia acabado de sair de uma guerra. Não, melhor dizendo, de duas guerras, vai ver de três. Na verdade, havia guerra todo dia, o povo batalhando pelo pão, com um salário que não valia nada. Claro que também havia fartura, mas apenas a realeza podia desfrutar das frutas saborosas e suculentas, dos peixes caros, das verduras e legumes, dos queijos, do vinho, da comida de primeira qualidade. Apenas a realeza podia se vangloriar das suas conquistas, podia sonhar com alguma coisa mais elevada, que não fosse um prato de comida. O resto do povo tinha que se contentar com o que sobrava nas lixeiras. E a classe média, que ainda podia comprar alguma coisa, se rebelava contra a monarquia, contra a situação dos

pobres e oprimidos, contra a pouca vergonha que engordava sem dó nem piedade os cofres nobres da real família.

O palácio do rei era lindo por dentro e por fora. Pintado de um pêssego clarinho, suas janelas brancas e de madeira entalhada eram ornamentadas por esvoaçantes cortinas. Quem olhasse de fora teria a impressão nítida de que o palácio inteiro esvoaçava, assim como esvoaçavam os sonhos da linda princesinha. Era linda realmente. Da janela de seu quarto pode-se ver seus alvos braços suspensos penteando os louros cabelos. É claro que um pouco de água oxigenada dava a eles um brilho de sol que naturalmente não teriam. Seria mais feia se não fizesse musculação e se não nadasse no lago de águas temperadas do palácio todo santo dia. Assim como todo santo dia fazia as unhas, hidratava o cabelo, fazia massagem em seu esbelto corpo de menina. Bem, menina é modo de dizer, que a princesinha tinha bem mais de trinta. Mas fazia o gênero da princesinha mocinha, por isso, seria barrada na entrada do cinema se não fosse a princesinha.

Agora, o príncipe herdeiro era um sucesso. Não tinha moça, mulher e até mesmo alguns gays que não suspirassem quando ele passava em sua moto exuberante. Aliás, a moto do príncipe herdeiro era um show. Uma Harley Davison preta com detalhes em vermelho, cores que combinavam exageradamente com o seu cabelo cor-de-fogo. Os olhos morenos e profundamente pretos realçavam a pele clara, e o seu jeito extremamente educado de falar, de ouvir, de sentir até mesmo a dor do outro - o seu ponto mais precioso. Por isso era um tipo interessante, pois apesar de rico e herdeiro de um trono invejado, pouco ligava pra isso. Ligava mesmo era pra sua moto, pras namoradas, pro amigo do peito, pro jeito de ser meio que ausente, sempre com a velha calça jeans e o casaco de couro preto. Mas não

era um alienado total. Sabia o que se passava no reino e tinha lá as suas convicções. Convicção é aquilo que a gente sente quando tem certeza de alguma coisa. Pois é, ele tinha certeza que o reino estava mal e que o pai era um incompetente.

Aliás, essa palavra é uma espécie de senha pra se chamar o rei. Mal nela se fala e ele aparece. E não é que lá vem ele pelos corredores do palácio, fazendo as unhas enquanto anda com sua camisola de verão e a coroa na cabeça? Pode alguém fazer as unhas enquanto anda? Só se tiver uma camareira talentosa que corre ao seu lado, lixando e cortando a cutícula de uma de suas mãos enquanto com a outra ele gesticula e responde às perguntas do ministro das relações inferiores.

Na verdade, o rei só usa camisola. O que é perfeitamente natural, já que ele trabalha em casa. Despacha tudo do palácio, e principalmente pela internet, onde mantém um site com informações de última mão sobre o reino. Uma lista imensa das benfeitorias feitas no reino desde os ancestrais aparece ao lado de sua inconfundível foto. É claro que a maior parte das benfeitorias foi feita sem consultar o povo e serviram principalmente para aumentar a arrecadação dos impostos e para engordar ainda mais os cofres do reino. Mas isso não aparece no site. O que aparece mesmo são as cartas enviadas pela realeza, a maior parte elogiando o desempenho do governo e algumas poucas - também da realeza - reivindicando coisas realmente indispensáveis ao bem-estar do povo, como por exemplo, o tabelamento dos preços das rações pra cães. Outras questões sequer são ventiladas, o que dá a impressão de que no reino não falta quase nada.

Não fosse pelo ministro das relações inferiores, ninguém no palácio saberia, nem mesmo o rei, o que se passava nas cidades, nos subúrbios, nas fábricas, em todo canto para além do bairro do Palácio.

- A situação no reino é péssima, majestade! – disse mais uma vez o ministro, agora mais sisudo e preocupado.

- Péssima? Como péssima? Acabamos de construir a ponte verde para escoar o trânsito de motocicletas. O povo deve estar feliz.